



IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

# A MOBILIDADE ACADÉMICA E A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA QUALIFICADA

RUI MACHADO GOMES  
(COORD.)

## INTRODUÇÃO

A fuga de cérebros refere-se à transferência de capital humano com elevados níveis de educação e competências dos países menos desenvolvidos para os países mais desenvolvidos. A saída de profissionais altamente qualificados limita deste modo a rentabilização dos investimentos educativos realizados, criando condições favoráveis à sua reutilização pelos países mais desenvolvidos.

A emigração qualificada tem sido analisada segundo dois modelos contrastantes: por um lado, o modelo do êxodo que põe em primeiro plano a ideia de que os mais competentes se veem obrigados a um exílio que lhes permita obter um posto de trabalho e uma remuneração correspondentes à sua formação; por outro lado, o modelo da diáspora que sublinha os benefícios mútuos retirados das trocas interculturais abertas pela circulação de saberes promovida pelas elites académicas, científicas e culturais cosmopolitas.

Sendo Portugal um dos países europeus com maior emissão de emigrantes qualificados, este é um debate que atravessa atualmente a sociedade portuguesa. A conferência realizada em setembro de 2015 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto visou aprofundá-lo de modo informado, tornando públicos os resultados de um projeto financiado pela FCT que analisou a fuga de cérebros em Portugal nos últimos anos. Este exercício foi feito a partir dos grandes números e das biografias de portugueses que emigraram para a Europa na última década.

No primeiro caso, demos a conhecer as respostas a um questionário administrado em 2014 a mais de 1000 portugueses qualificados que optaram nos últimos anos pela emigração no espaço europeu. Quais os fatores que afetam as decisões de migração? Quais os modos de integração no mercado de trabalho

européu? Quais as expectativas de regresso? Estas foram algumas das perguntas que vimos respondidas.

No segundo caso, partilhámos os percursos biográficos de mais de 50 portugueses que escolheram viver e trabalhar fora de Portugal. São retratos de jovens mulheres e homens que contam histórias de indivíduos e famílias, de opções pessoais e fluxos coletivos, de afetos e amizades, de sucessos e fracassos, de fim de sonhos e recomeço de projetos. Em todos eles existe um traço comum: resistir à perda de valor criado pelo investimento do país, dos pais e dos próprios na educação. Alguns dos entrevistados marcaram presença numa mesa-redonda com associações de graduados portugueses no espaço europeu.

Mas a conferência serviu também para construir pontes analíticas entre modos de ver a fuga de cérebros em diferentes latitudes e numa perspetiva comparada. Qual é a visão dos países de acolhimento? Qual é a visão dos países emissores? Qual a interpretação da fuga de cérebros vista a partir da América Latina? Dois conferencistas convidados abriram pistas para este debate.

Finalmente, a conferência estabeleceu o diálogo com outras investigações recentemente concluídas, quer analisando os movimentos emigratórios portugueses mais gerais, quer interpretando os fluxos específicos de certas profissões com um impacto social muito evidente (académicos, cientistas, enfermeiros, etc.).

Neste livro são descritas e analisadas opções individuais, também elas parte de uma longa história que vem sendo escrita desde há séculos por muitos portugueses de diferentes gerações e qualificações. As dificuldades de hoje são menores, os percursos são, regra geral, bem-sucedidos e revelam pessoas que encontraram forma de avançar e que tomaram as rédeas do seu destino. As mesmas opções individuais são, no entanto, também a expressão de que um mal profundo ataca a Europa, fazendo com que os mais qualificados dos países periféricos sejam atraídos pelos países centrais, onde estão disponíveis os recursos, deixando os países menos desenvolvidos entregues a uma economia carente de conhecimento e inovação. Ressoa no murmúrio das vozes dos que ouvimos e inquirimos uma experiência que anseia por ser partilhada e compreendida na sua plenitude.